

Proletários de todos os países uni-vos!

IAVANTE!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCP

No 19.º aniversário da Revolução Russa, o Partido Comunista Português

SAUDA

o proletariado soviético, o glorioso Partido Comunista da U. R. S. S., o seu Comité Central Bolchevique e Stalin, o continuador da obra de Lênin!

Dezanove anos de lutas vitoriosas na construção do socialismo!

Quando em 7 de Novembro, os trabalhadores de todo o mundo se recolheram um pouco da ansiedade cruel da vida que têm de viver, e meditaram no espaço percorrido pela Revolução Russa desde os dias longínquos de 1917, verificaram a grandeza da obra realizada pelos trabalhadores soviéticos dirigidos pelo Partido Comunista Russo (bolchevique).

No pensamento dos trabalhadores e de todos os amigos da União Soviética, passaram os dias esperançosos de Novembro de 1917 quando pelo Mundo em guerra, só desespéro e dor imperavam e a vida dos combatentes e das populações se confinava entre duas ameaças igualmente sinistras: a morte e a fome.

Nos corações de milhões e dezenas de milhões, aparecia uma inquietação que nada atenuava. Os homens que combatiam e os que, cá atrás, esperavam a vez do caminho para a morte — não podiam mais, não queriam mais combater por essa causa infame que distorcia em «defesa» da Civilização e do Direito o que era defesa das mais torpes manobras imperialistas. Os homens não podiam mais combater e eram forçados a combater, a ir matar e a ser mortos numa idade em que a vida se apresentava como uma esperança destinada a perder-se, na imensidade das cruzes do pau dos cemitérios militares.

Nos soldados e em todas as populações, a revolta germinava, surgia por momentos mas não podia ser vitoriosa. Faltava um Partido bolchevique, como o de Lênine, que soubesse realizar a directiva justa do grande chefe da Revolução: transformação da guerra imperialista em guerra civil e conquista do Poder pelos trabalhadores.

Por isso, só no imenso império tsarista a Revolução pôde, ao contrário do que diziam os tímidos e os traidores, acabar a guerra. E que só um grande Partido proletário, disciplinado, monolítico, com uma direcção genial, soube mobilizar todos os que sofriam os horrores da guerra e do capitalismo, contra a forma social causadora dos males de que a humanidade padecia e padecia.

Só na Rússia, portanto, conseguiu o proletariado acabar com a monstruosidade da guerra e realizar desde logo a revolução proletária.

O que foi o clarão de luz e esperança para os oprimidos de todo o mundo, derramado pelo 7 de Novembro de 1917, só o saberão apreciar devidamente os que possam recordar, todos os que tenham vivido esses dias em que se esperava o fim da guerra para sobre a dissolução, a miséria e o luto do mundo velho, se erguer a Cidade Nova do Trabalho, da Paz e da Liberdade.

Esses dias que então se viveram podem voltar hoje a compreender-se. A emoção que então causou a Revolução Russa, terá paralelo bem aproximado no dia em que por todos os peitos anti-fascistas corra o frémito da vitória da Frente Popular Espanhola. Todos nós que vivemos ansiosamente debucados sobre a esperança da vitória da Liberdade Espanhola que sentimos como um luto a vitória dos generais marroquinos — antevemos a alegria, a esperança que nos tornariam no dia em que as milícias populares tenham, definitivamente, varrido o fascismo da Espanha.

Em condições cruéis foi a Revolução encontrar a Rússia: destruição, miséria, parte do território russo ocupado por um inimigo implacável, desorganização na produção e nos transportes, oposição não só das camadas burguesas, como dos traidores contra-revolucionários. A



guerra dentro do território a alastrar cada vez mais, pela cegueira dos governos aliados que não queriam uma paz sem indemnizações sem anexações e faziam uma guerra imperialista. Guerra a alastrar porque o imperialismo alemão, em face da avarizagem criminosa dos Aliados, conseguia dominar a revolta latente do povo e soldados alemães e previa a possibilidade da vitória agora que um inimigo poderoso, a Rússia, estava disposto a não combater,

Guerra tremenda sobre um exército em dissolução, sem moral

Continua na 6.ª página



Mais uma burla corporativa: SALÁRIOS MÍNIMOS!

Em meados de Setembro, quando da «ESPONTANEA» manifestação anti-comunista no Porto, o estado maior corporativo não falava senão em salários mínimos. Salários mínimos para a direita, salários mínimos para a esquerda... Os salários mínimos iam resolver tudo. Os jornais publicavam comunicados, artigos de fundo, notícias da justiça praticada com os trabalhadores da indústria dos têxteis. O seu contentamento transbordava das colunas vendidas dos jornais políticos ou de informação.

Os salários mínimos dos trabalhadores têxteis eram o início duma nova era de prosperidade e justiça social. Eram o começo dos célebres dez anos de marcha para a prosperidade que Salazar prometera como um ossa à miséria faminta do povo português. Para quê comunismo? — diziam as folhas periódicas; esse comunismo sangüinário que coíza frades e comia crianças... — Para quê descontentamento — se a passo firme se ia entrar num período de abundância, de bons salários e cuidados com a sorte dos que trabalhavam para que uma minoria viva arrotando o produto do seu esforço.

Era o paraíso a começar na Terra, no Portugal a que eles chamam grande mas tornaram num país de famintos, tuberculosos e analfabetos, no Portugal que não precisava de palavrado exaltado mas de pão para os seus habitantes, de escolas para as suas crianças, de liberdade para todos os seus filhos que lhe conquistaram o direito, ganhando, de nas lides da produção.

Esse paraíso interno era anunciado em companhia doutro muito semelhante inaugurado nos países fascistas. Durante cerca de um mês os jornais publicavam telegramas anunciando o aumento de salário em Itália, a grandeza do hitlerismo... Enquanto assim corria a maravilhosa vida dos países fascistas, enquanto se desdobrava aos olhos do proletariado e classes médias portuguesas a paisagem da vida feliz, concedida pelo fascismo — apreciavam as notícias costumeiras, as notícias e campanhas que aparecem e desaparecem subitamente, sobre o fuzilamento na União Soviética e as revoltas na Ucrânia esfaumada, na Sibéria etc., etc.

O intuito era evidente, «Não vos deixeis deslumbrar. O comunismo é falso e sangüinário. Já fomes e torturas» — berravam como piceiros os pregoeiros do secretariado da Mentra Nacional. «Olhai para o fascismo! Que beleza! Salários mínimos! Hein! Salário mínimos, aumento de salários! Castigos aos patrões que sejam contra os legítimos interesses dos operários! Isto sim é que é a Revolução!» «Os comunistas são uns bandidos!» Assim sim! Reparái bem: nós é que somos os autênticos amigos do povo! E nos comícios anti-comunista atacavam os MAUS patrões. Os operários que lá falavam, ou antes que lá LIAM (porque os discursos não eram deles) repetiam um pouco ao acaso as acusações violentas que os seus dirigentes corporativos tinham apressadamente traduzido da demagogia de Hitler anterior à sua subida ao poder.

O intuito era manifesto. Iludir, iludir sempre as massas e nada mais.

Que pretendia o decreto do salário mínimo? Deitar terra aos olhos do proletariado. Apenas isto.

Quais as suas causas? — Em primeiro lugar: necessidade de ALANÇAR UM MOTIVO DE PROPAGANDA; segundo a existência duma radicalização das massas que vêem que o fascismo não pode resolver a sua situação; terceiro — A SIMPATIA DOS TRABALHADORES PELA FRENTE POPULAR ESPANHOLA; quarto: A EXISTÊNCIA DO PARTIDO COMUNISTA E A NECESSIDADE DE CONVENCER OS TRABALHADORES DE QUE O COMUNISMO É DESNECESSÁRIO PARA A SUA FELICIDADE; quinto: a organização do novo sistema de exploração que a pretensão de salários mínimos os viesse reduzir; finalmente: a necessidade de equiparar os salários entre as várias empresas para evitar a concorrência que as fábricas de várias regiões faziam à grande produção têxtil. Deste modo, se conseguia nalguma delas um leve aumento de salário, ao passo que na maioria das outras teriam os salários de descer. Duma cajadada matriaria vários coelhos.

É tão evidente o propósito de favorecer as grandes empresas, que não o comentaremos. Transcrevemos apenas do decreto publicado no «Diário de Notícias» de 15-9-36: não se deve nunca esquecer que o NIVELAMENTO DE SALÁRIOS, SOBRE TUDO nas actividades comerciais e INDUSTRIAIS constitui um dos mais EFICIENTES FACTORES DE NORMALIZAÇÃO DA CONCORRÊNCIA; e o governo pode decretar SALÁRIOS MÍNIMOS quando se verificar a baixa sistemática de salários como CONSEQUÊNCIA DE CONCORRÊNCIA DESREGRADA em qualquer ramo do comércio ou INDÚSTRIA. Para acabar: «Venificou-se igualmente VARIAREM OS SALÁRIOS DE REGIÃO PARA REGIÃO e até de FABRICA PARA FABRICA, o que ocasiona CONCORRÊNCIA DESLEAL.» Aqui é que lhes dói. E para evitar isso, se unificarem os salários, esses esplendidos salários mínimos em que os operários mais especializados ganham 16x65 pnia, os seus ajudantes 12x60, outros a 13 e 12 escudos e os não qualificados a 9-10, enquanto as mulheres ganhavam 7.000, os jovens, entre 15 e 48 anos, 5.000 e os MENORES DE 15 ANOS (abaixo de 14) há exploração de crianças, na indústria? ganharão 3.500!

Mas ainda tudo isto é burla. Porque estes salários são a base para o estabelecimento das tabelas de empreitadas, o que criará a um esforço violonissimo para obter num dia o salário mínimo, esse mínimo tão cantado pelos dirigentes corporativos.

E tanto assim é que nos chga, agora, notícia de que os operários do norte campearão o jogo de que foram vítimas. Por isso em

O «AVANTE» QUINZENAL

De há muito tempo que era impensável a saída do «Avante», todos os quinze dias. O jornal mensal não servia devidamente, nem os nossos objectivos nem as necessidades das massas anti-fascistas que vêm no «Avante» o único órgão de sua direcção política.

Razões várias de ordem técnica, financeira e redactorial nos têm impedido de levarmos a cabo uma modificação tão profunda nos nossos serviços de imprensa.

Surgiu-nos agora a possibilidade de o fazermos. O Comité Regional de Lisboa tomou sobre si a responsabilidade de conseguir um aumento de venda do «Avante» que compensasse o sacrifício financeiro do Partido.

Por outro lado, o serviço de imprensa do Partido, de acordo com o Secretariado, procurando ajustar as necessidades do jornal com as nossas possibilidades técnicas, resolveram que o «Avante» quinzenal tenha 4 páginas em vez das 6 usuais e que o seu preço seja reduzido para 350 centavos.

Desta forma nós conseguiremos tornar mais vivo e mais próximo da realidade, o nosso «Avante». Conseguiamos enviar os atrasos de material que tanta vez tinha de ser destruído por inoportuno. Escreveremos assim mais próximos da nossa missão: ter um órgão que as massas trabalhadoras sintam seu e de que possam para confiar as suas inquietudes que sobre.

DUAS COUSAS SÃO TODAVIA NECESSÁRIAS PARA QUE O «AVANTE», QUINZENAL DE 4 PAGINAS, A 350, POSSA CONTINUAR, E NÃO SEJA UMA EXPERIENCIA QUE BREVE ACABE. A PRIMEIRA: que todos as camaradas encarregados da venda do jornal, AUMENTEM a sua tiragem, o que é facilitado pela diminuição do custo e pela penetração crescente do «Avante» em diversas regiões. A SEGUNDA: que a ENTREGA DO JORNAL se faça em tempo MÍNIMO para evitar MAUS CONSEQUENCIAS, e a COBRANÇA E PAGAMENTO se faça PRECISA E URGENTE.

NESTAS CONDIÇÕES, o sacrifício dos nossos camaradas que fazem o jornal PODERÁ MANTER-SE. DOUTRA FORMA NUNCA.

CRIMES FASCISTAS

A imprensa vendida gasta a imaginação a criar crimes que atribui aos combatentes da Frente Popular espanhola. Como tática geral, atribui aos heróicos combatentes pela Liberdade de Espanha, os crimes praticados pelos fascistas. Falou-se em tempos no fuzilamento, pelos populares, de uma mulher grávida.

Temos informes que permitem desmentir isto.

O caso é inteiramente o contrário. Rafaela Ascencio Fernandez, filiada no Partido Comunista Espanhol, companheira do nosso camarada José Marcelino (em viado pelos fascistas as autoridades portuguesas) e presa mais o seu companheiro e sua mãe, nas imediações de Ayamonte.

Encontrava-se grávida e, insultada e agredida pelos falangistas, teve um aborto. Tendo um médico determinado que fosse para o hospital, conservaram-na na prisão, no meio do maior sofrimento.

Ali esteve, até que em 2 de Setembro foi fuzilada com mais duas mulheres e 17 homens.

Entretanto, sua mãe Milagro Fernandez, já tinha sido fuzilada em Huelva na companhia de 5 mulheres e 26 homens.

Estes são os factos, os nomes e indicações precisas.

Que a canalha da Mentra Nacional nos desminta. Que pretenda abafar na montanha raiosa dos seus insultos os vezes inocentes que exigem vingança!

AVANCE E ORGANIZAÇÃO DO BICULTURAL REGIONAL

Tendo o Secretariado do Comité Regional de Lisboa recebido vários pedidos para a criação duma Biblioteca privativa do R. de L., e recolhida a vantagem que daí adviria para o aumento do nível cultural e político dos militantes do Partido, resolveu dar plena satisfação a esses pedidos.

Lutando, porém, com grandes dificuldades para a aquisição de livros e sabendo da existência de militantes e sobretudo de simpatizantes passadores de alguns e até mesmo pequenas bibliotecas, chama o S. do C. R. de Lisboa a atenção desses camaradas para o relevante serviço que prestariam à Instrução marxista com a oferta de alguns dos livros que possuem a Biblioteca do C. R. de Lisboa.

O Secretariado do C. R. de L.

Cuidado com eles! DOIS PROVOCADORES

José Henriques Vaz, chafleur preso em Peniche, é um espíe a soldo da Polícia de Informações.

Joaquim Augusto Mendes Braga, mais conhecido pelos dois últimos nomes, tipógrafo-impressor, trabalha na tipografia «Leixões» em Matosinhos e frequenta o café «Algaia» do Porto. É agente provocador.

Ao contrário do que ele diz e os

seus amigos propagam, não foi ultimamente convidado pelo nosso Partido para trabalhar, pois não é nem nunca foi filiado no P.C.P.

Em 1935, entregou à polícia dois amigos do S.V.I. a cuja organização já pertenceu; foi depois para França onde se dizia perseguido social e estar condenado a revolta em 12 anos de prisão.

Defendamo-nos, desmascaramos todos os espíes!

Salgueiros, junto ao Porto, os operários dos têxteis se puseram em greve de protesto contra a hipocrisia infame dos salários mínimos e da demagogia salazarista! Por isso, de Norte a Sul, o proletariado pergunta aos diluidores: «SE SOIS PELO PROLETARIADO CONTRA OS MAUS PATRÕES — APONTAI-NOS QUAIS OS INDUSTRIAIS TORTURADOS NA POLÍCIA DE INFORMAÇÕES E DEGRADADOS PARA A «POTERNA» DE ANGRA E PARA CABO VERDE!!

SOB A PATA DO FASCISMO SALAZARISTA

Como o fascismo cuida da cultura

(Do «Diário das Notícias» de 15 de Setembro de 1936)

VILA NOVA DE CANCELADA — Está prestes a abrir o novo ano escolar e o problema da escola masculina desta vila continua sem solução. Novamente chamamos para a atenção das entidades competentes, esperançados em que elas tomem providências com a requerida urgência a fim de que as crianças que frequentam aquela escola não continuem a ser prejudicadas pela falta de instrução.

ALGUEIRÃO (FIGUEIRA DA FOZ) — Há um ano que se encontra concluído e devidamente mobilado o edifício escolar do vizinho lugar de Calveite, sem que até esta data tenha sido nomeada a professora. Se as entidades superiores não tomarem as providências necessárias e imediatas, ficarão ainda este ano as crianças — que são em número bastante elevado — privadas de receber instrução, como aconteceu no ano anterior. Pedem-se providências, visto aproximar-se o ano lectivo.

ALCAINS — Devem reabrir no próximo dia 7 de Outubro todas as escolas oficiais desta vila, servindo uma população escolar de 500 crianças. Quer nas escolas femininas, quer nas masculinas, não forem feitas nomeações do quadro auxiliar, aproximadamente 200 crianças ficarão privadas de ensino. Apelamos para as entidades oficiais a fim de criarem mais escolas e nomear mais professores.

(Do «Diário das Notícias» de 11 de Outubro de 1936)

ALCOCHETE — HavenJo nesta vila e arredores 807 crianças de ambos os sexos em idade escolar urgente se torna que sejam tomadas as necessárias providências para que a maioria delas como succedeu o ano passado, não seje privada de receber a instrução. Como actualmente não há nem escolas nem professores para leccionar, a número de crianças, lembramos a quem de direito a conveniência de serem permitidos os desdobramentos de aulas, única forma, a nosso ver, de, por agora, remediar tal falta.

VILA DE REI — Chama-se a atenção de quem de direito sobre o facto de, na povoação de Ribeiros, desta freguesia, haver 25 crianças em idade escolar privadas do ensino, visto ali não existir escola. Vila de Rei fica a 8 quilómetros de distância.

Outras povoações circunvizinhas têm, também, grande população escolar. Urge, de momento, pelo menos, a criação dum posto de ensino nesta localidade, que bem merece uma escola.

SANFINS (VILA DA FEIRA) — Já por diversas vezes temos abordado o problema da instrução nesta freguesia, verificando, afinal, que até hoje ainda ninguém se interessou no sentido de se preencher a falta que temos de mais um professor nas nossas escolas, tanto mais que a casa para a mesma se encontra pronta e dotada de

to'o o material.

É para lamentar esta incuria da parte de quem compete não só arrecadar as receitas dos seus paroquianos, mas também zelar pelos interesses dos mesmos.

Está a aproximar-se o início dos trabalhos escolares, e não é justo que se privem da instrução tantas crianças em idade escolar, como as que temos na nossa freguesia.

UMA CANALHICE

Da «Acção Ferroviária» de 10 de Outubro, transcrevemos:

PROCEDIMENTO INCORRECTO

Esta direcção, que trabalha com um grato desejo e com um carinho dedicado pelas questões de todos os operários, dest: tão grande centro de trabalho, sente-se deveras penalizada quando tem de proceder em qualquer caso muito pouco a seu contento, enviando-os para a sede, para que a mesma proceda com a justiça e a razão que devemos proceder.

RELATAMOS O NOME DO CAMARADA Manuel da Silva, encarregado de carpinteiro nas Oficinas de Aparelhamento de Materiais que, pelo facto de ser devedor de 6 meses deotas, foi excluído do socio.

Está camarada depois de ser excluído do socio SATISFAZ-SE DIZENDO MAL DA ORGANIZAÇÃO E, CASO CURIOSO, JOGANDO DA CONCESSÃO DO ANEXO VALIDO PARA TODOS OS COMBOIOS E para todos os dias, diz constantemente, que nunca lhe tirarão tal regalia.

Ao contrário do que esse camarada pensa, ESPERA ESTA DIRECÇÃO QUE A HORA DE SAIR ESTE JORNAL, JA ESSA CONCESSÃO LHE TENHA SIDO RETIRADA e sentido, deserto, desgosto, embora o não manifeste, por ter dito palavras de desprestígio para a Organização.

DEVE AINDA SER CHAMADO pelos representantes da Empresa, PARA RECEBER UMA SEVERA REPREENSÃO PELA SUA CONDUTA E se assim a Empresa não proceder, conforme julgamos o fac, ENTREGA-LO-EMOS, PELAS PALAVRAS DITAS CONTRA A ORGANIZAÇÃO, AO INSTITUTO NACIONAL DE TRABALHO.

E não bastante pezaroso assim proceder, mas camaradas deste quilate não podemos deixar de o fazer para bem da classe.

As Direcções da Sede e Entroneamento

Assim procedem os miseráveis vendidos ao fascismo, denuncian-do camaradas, actuando como policias de Informação.

Assim procede a "pandilha que constitue sindicatos nacionais e para a defesa dos interesses dos trabalhadores.

Dêsmascaremo-los!

A ESCRAVIDÃO NOS TEMPOS MODERNOS

Na Companhia das Fábricas de Cerâmica Luzitânia

LISBOA — De um operário que trabalha nesta empresa recebemos uma carta em que é relatada toda a infame exploração de que são vítimas cerca de 400 operários que ali trabalham.

Eis os pontos principais: Condições higiénicas não existem. Na secção de vidro e mosaicos hidráulicos, os operários absorvem diariamente porções de veneno que os vai intoxicando lentamente. Na secção dos fornos de telha e tijolo, onde o trabalho é violentissimo, os operários aspiram as cinzas que se levantam nas galerias dos fornos continuos, quando andam a desen-

forar. Andam sempre a correr com os carrinhos de leil e tijolo, de modo que a roupa que trazem vestida é um lago de suor e ao fim do dia as camisas trazem um centimetro de cinza agarrada, que durante o dia se foi juntando ao suor do corpo, formando lama.

Existe uma casa para os operários mudarem de roupa. Tem dois metros e meio de largura, quatro de comprimento. E' neste espaço tem que pôr as suas roupas, umas sobre as outras, em completa mistura. O chão nunca é lavado nem varrido, cheirando muito mal.

Há dez lavatórios. Mas muitas vezes não há água para os operários se lavarem, porque essa água vem de um poço para onde são feitos os despejos das águas das tintas e dos vidros.

O horário de trabalho é completamente transgredido, havendo operários que trabalham 10 e 12 horas por dia.

Os encarregados tratam mal os operários, chamando-lhes tudo, de camelo e urso para cima. Entre eles, cito os seguintes nomes: José Domingos, encarregado dos fornos de telha e tijolo; José Joaquim, armado em mandão da casa das máquinas; Luciano Martins, encarregado de azelejos; e Manuel da Cruz, encarregado da Barreira.

Os salários caminham a par das condições higiénicas e do tratamento dos encarregados. Eles são bem a prova das «realizações» do Estado Novo e do respeito que a classe produtora merece ao fascismo salazarista. Eis os salários diários, dos quais há a descontar 2/3 para o Fundo de Desemprego (alíeis para os barcos de guerra, para o Secretariado de Propaganda Nacional, etc.):

Adultos 7500
Jovens de 12 a 18 anos . . . 3500
Mulheres 5500
Além de tudo isto, desde 1931 são applicadas multas frequentemente, as quais variam entre 10500 e 100500.

São directores deste antro de infame exploração os «beneméritos» Júlio Martins e Augusto Tavares.

Operários da C.F.C.I.!

Constitui um Comité de Luta pelas vossas reivindicações! Só a vossa luta organizada poderá levá-lo a conquista de melhores condições de vida!

Será troca?

Da «Acção Ferroviária» de 10 de Outubro, extraímos:

Casas económicas

«Estando a concurso uma cave com entrada independente, no Bairro do Arco do Cego, pedimos aos nossos associados que a desejem, que se habilitem junto das respectivas Direcções com os documentos A RENDA DESTA HABITAÇÃO E' DE 250.000 MENSAIS.

E viva Salazar!

BARREIRO — Na fábrica D. Luís Mundet e C.ª L.d.ª, que comporta cerca de 4.000 empregados de ambos os sexos, têm-se passado casos que pensam os patrões nos passam despercebidos. Mas tal não succede.

Por exemplo: Um dia destes, como o pessoal da oficina do papel se achasse prejudicado na medição do trabalho, resolveu o seguinte:

Pedir a quem de direito para que ou acabassem com aquele ASSALTO «DESCARADO A ALGIBETRA ALHEIA ou então para compensar esse assalto nos dessem aumento, atendendo a que, ultimamente, o nosso diário variava entre 5500 e 10500, e de empreitada.

Com 10500 queriam estes senhores que chegasse para nos alimentarmos e a nossos filhos?

De cerca de 50 homens apenas meia dúzia consegue ganhar 10500. Pois sabem qual a resposta desses senhores que não sabem o dinheiro que possuem?

«Quem não está bem muda-se porque há para ali muitos marfins que há muito não têm trabalho na sua faina e se sujeitam a tudo.»

Puseram ao portão da fabrica a Guarda Nacional anti-Republicana com o fim de nos intimidarem com as armas. Como protesto nós resolvemos não ir trabalhar sen que nos atendessem, mas como há sempre nestes casos meia dúzia de «ignorantes humildes» como o sr. administrador os classificou, aproveitandose da confusão, entraram para a officina sem serem vistos. No dia seguinte, o sr. tenente Laro realizou um Conselho de Guerra, mandando chamar, a um por um, os operários para apuramento de responsabilidades. Queria conhecer os cabeceiras, como eles chamam a quem diz verdade, para os amordaçar.

Em resumo: Como resposta às reclamações justas, os operários recebem classificação de patifes e muitas outras coisas que é contra a moral inumeradas aqui.

Camaradas marfins: Alerta! Em guarda contra esses antropófagos que nos querem chupar o sangue!

Humildes? Não! Revoltados? Sim! Se pelo facto de não nos deixarmos roubar nos chamam comunistas, então: Viva o Comunismo e morram os ladrões fascistas!

FACTOS INCONTESTÁVEIS

(Do «Tempo» de 4 de Outubro
traduzimos):

A Delegação espanhola junto da Sociedade das Nações comunicou os factos seguintes em complemento à sua nota precedente relativa às infracções cometidas por certos Estados no acôrdo de não intervenção em Espanha:

A 20 de Setembro chegaram a Tetuão 18 grandes aviões alemães que têm sido utilizados para o transporte de tropas da legião Estrangeira para Sevilha.

A 13 de Setembro, o barco italiano Alcantara, de Trieste, desembarcou em Rio Martin, praia vizinha de Tetuão, bombas de gas aviões desmontados e armas.

A 6 de Setembro, três trimotores italianos de bombardeamento chegaram a Palma de Maiorca onde, no dia seguinte, o transport Nereyde, de Génova, desembarcou 300 toneladas de material de guerra, entre o qual bombas de aviação de grande potência.

A Sevilha chegou, a 7 de Setembro, um comboio de 23 vagons, proveniente de Portugal, transportando, em peças desmontadas, 14 aviões viados de Hamburgo.

Um aviador português, Carlos Bleck, e industriais portugueses estavam encarregados de fornecer aos rebeldes essência e óleo provenientes de Portugal.

No princípio de Setembro, o vapor «Génova» chegou a Melilla, tendo a bordo dois aviões desmontados, vários motores de aviação, bombas, obuses e petróleo. Um destróyer italiano escoltou o «Génova» até Melilla.

A 29 de Agosto, um trimotor italiano e três outros trimotores de bombardeamento chegaram a Palma de Maiorca.

Ao mesmo pórtio, um barco, sem nome e sem matrícula, chegou a 27 de Agosto, escoltado por um destróyer italiano, e descarregou 160 toneladas de material de guerra.

Por intermédio de uma fábrica de material de guerra, propriedade do Estado português, foram entregues aos rebeldes obuses e metralhadoras no valor de 300.000 escudos portugueses.

A 16 de Agosto, o representante dumha sociedade de Haya vendeu dois aviões aos rebeldes de Burgos. O piloto que devia entregá-los recusou-se a conduzi-los a Burgos. Devido a isto, os aviões foram conduzidos para Inglaterra e daqui a Burgos.

A 9 de Agosto, o vapor português Santa-trene descarregou material de guerra num cais de Lisboa e continuou a sua viagem para Ceutim com uma parte da sua carga. Esbarcou vinha da Alemanha, bem como o barco português Pero de Alenquer, que descarregou material de guerra no pórtio de Lisboa, a 10 de Agosto. Neste mesmo dia partiram de Beirões para a Galiza, dois camions carregados de material de guerra.

A 8 de Agosto, ao meio dia, foram vistos na praça central de Évora (Portugal) cinco camifões, matriculados em Sevilha, que se dirigiam, carregados de munições, pela estrada directa que vai de Estremoz a Elvas (fronteira espanhola).

A 29 de Setembro, o governo espanhol foi informado que, dois dias

Continua na 5.ª página

A URSS EM CONSTRUÇÃO

AS MULHERES NO PAÍS DOS SOVIETES

Os jornalistas e escritores burgueses têm escrito sobre a situação da mulher na URSS muitas coisas.

Têm ousado afirmar que elas pertenceriam em comunidade a todos os homens. Ora, a verdade é que a União Soviética é a única parte do mundo onde a mulher tem uma independência completa, todos os seus direitos económicos iguais aos dos homens. Só ali a mulher é livre, porque não está na dependência económica do homem.

A formalidade do casamento é simplificada em extremo. Um casal quer-se unir? Não tem mais que fazer o respectivo registo perante a autoridade oficial.

O divórcio é fácil na URSS, não se assiste à comédia dos esposos que fingem amar-se e que se atraíam. Desde que o entendimento não existe, separam-se. A hipocrisia é banida.

A prostituição é interdita na URSS. Quando uma mulher trafica o seu corpo, avverte-se que volta a vida regular e que trabalhe. Se ela não toma conta desta amonestação, dá entrada num refúgio, onde as tarefas que ela tem de cumprir valem a sua manutenção. No mesmo, ela recebe os cuidados que são necessários quando sofre de perturbações nervosas ou explica o seu mau empório.

Havia 5 refúgios ainda recentemente em Moscovo. Hoje a prostituição está suprimida.

Os crimes passionais são extremamente raros na União Soviética. Esta selvajaria que entre nós abunda até às colunas da nossa imprensa quotidiana não existe na Rússia. Com muito gosto a ridiculizam o uso incessante do revólver ou da faca. As soluções dignáveis empregadas pelos nobres costumes na URSS aos equívocos dos esposos, tornam inútil a violência.

As mulheres na URSS beneficiam dumha importância social muito maior que no Ocidente. Uma prova é o direito que elas têm de conservar o seu nome de família, quando se unem ao homem, embora possam tomar o nome do marido. Mas, algumas vezes é o marido que toma o nome da sua mulher. Na Rússia para os mais altos cargos civis não se faz distinção de sexo. Cento e vinte mulheres, em 1934 faziam parte do Comité Central Executivo da URSS, o mais importante organismo administrativo do país. Nos sindicatos profissionais, cuja actividade é tão prponderante, as mulheres ocupam no lado dos homens os postos mais elevados. Mostram ali uma clareza de espirito, uma eloquência, uma dedicação mui digna de elogio. Nas sociedades e nas artes, rivalizam sempre com os homens.

Um terço dos alunos nas escolas profissionais e superiores são mulheres. Enfim, orgulham-se de poderem ser oficiais no Exército Vermelho.

Verdadeiramente, o ardor da sua colaboração é uma das principais forças morais do Bolchevismo. A propósito, citamos o art.º 122 da nova Constituição da URSS:

Art.º 122: — A mulher disfruta na URSS de direitos iguais aos do homem em todos os domínios da vida económica, pública, cultural, social e política.

A possibilidade de exercício desses direitos para as mulheres é assegurada pela concessão à mulher de direitos iguais aos direitos do homem: o trabalho, a remuneração do trabalho, o repouso, os seguros sociais e a instrução; pela protecção, pelo Estado, dos interesses da mãe e da criança, pelas licenças durante a gravidez, com manutenção dos salários atribuídos à mulher, por uma vasta rede de maternidades, creches e jardins de crianças.

Ampliação do Instituto de Medicina

Acaba de se inaugurar solenemente no 2.º Instituto de medicina de Moscovo um novo corpo de edificio.

Os quatro cursos mais importantes serão feitos neste local, cujo centro é formado por duas grandes salas de conferências de 48.000 metros quadrados de superficie, podendo conter respectivamente, 600 e 700 ouvintes.

O novo edificio comprehende 60 laboratórios, câmaras de repouso e cinda andar e um local próprio para animais destinados a experiências.

No decorrer da cerimónia da inauguração foram promovidos 600 novos médicos.

Um caminho de ferro construído por crianças

Muitos campos de verão para filhos de empregados de caminho de ferro foram instalados a 40 kms de Moscovo, próximo de Otdyk. Tendo os habitantes desses campos sabido que os pioneiros de Tiflis tinham construído um caminho de ferro, dirigiu-se uma delegação a Tiflis onde os jovens moscovitas puderam estudar os trabalhos de construção. 270 crianças seguiram sem interromper os seus estudos, cursos de chefes de estação, de mecânicos, expedientes, etc..

O caminho de ferro que os jovens moscovitas vão construir terá a extensão de 3.400 metros. Reunirá 11 cidades infantis. 950 alunos tomam parte nos trabalhos de construção. Cada grupo trabalha 2 horas. O material rolante comprehendê 2 combóios compostos de 3 carruagens de passageiros e um vagão de bagagens.

O caminho de ferro das crianças ligará a estação de Otdyk ao lago junto do qual se encontra outra estação.

Instrução

No passado ano escolar frequentaram as escolas de Moscovo 502.000 estudantes de ambos os sexos. Se nos lembrarmos de que a população da capital proletária é de 3.000.000 de habitantes, facilmente se conclue o elevado grau que atinge a instrução na União Soviética.

Os fascistas espanhóis escorraçados em Torre

Na povoação da Torre (Alentejo) perto da Estrada Internacional, refugiou-se um português natural dessa povoação e que há tempo (há anos talvez) estava em Espanha.

As autoridades portuguesas prenderam-no e consentiram que os fascistas espanhóis viessem a Torre buscar o preso. Porém, os habitantes, armados, com o que a mão tinham, obrigaram os fascistas espanhóis a retirar-se e as autoridades portuguesas a soltarem o preso.

Enles casy parece que são frequentissimos naquela região.

Os triunfos da construção socialista

O terceiro ano do 2.º plano quinquenal trouxe ao país do socialismo êxitos formidáveis.

Assim, na industria pesada, realizou-se, antes do fim do ano, o programa de produção para 1935. O aumento de produção alcançou 26 por cento. O atraso na produção de aço e de laminados deixou o lugar a um brilhante excedente dos planos, 2,9 milhões de toneladas de aço e 2,2 milhões de toneladas de laminados mais que o ano passado. Tal é a resposta bolchevique dos colaboradores da siderurgia soviética dos directrices de Staline.

A industria dos metais moxideáveis, também em atraso até agora, aumentou em 88 por cento em relação ao ano anterior.

A produção de substancias químicas aumentou formidavelmente: 27 por cento.

Os sovcozes e colcozes receberam este ano mais de 2 milhões de toneladas de adubos químicos, o dobro do ano de 1934.

A produção de energia electrica teve um aumento que mostra bem o ritmo a que se procede à electrificação socialista: 25 por cento!

A construção mecânica e a metalurgia aumentaram em relação ao ano precedente em 30%.

A CONSTRUÇÃO MECÂNICA SOVIÉTICA EXCEDEU JÁ VINTE VEZES O NÍVEL DE ANTES DA GUERRA.

As fabricas de tractores modificam as antigas normas e, assim, a fabrica de Jekoff entrega 200 tractores no prazo em que devia entregar 80, segundo o projecto americano de rendimento máximo.

Em onze meses os construtores de vagons entregaram aos transportes 86.000 vagons, quando a produção TOTAL do ano precedente foi de 30.000 vagons.

Assim se mostra como o socialismo não só pode organizar a grande industria como permite uma produção de que a exploração capitalista é incapaz.

Alguns factos passados no Sindicato dos Operários Tanceiros e Offícios Correlativos do Distrito do Porto

De passagem pelo Sindicato, o camarada Raul Pinto Sequeira resolveu informar-se a respeito do funcionamento da Caixa de Previdência e para esse fim dirigiu-se ao empregado do mesmo, de nome Magalhães, perguntando-lhe quando é que a Caixa principiava a distribuir subsídios, ao que ele lhe respondeu que se a dita ainda não funcionava era porque uma parte dos sindicatos ainda se não tinham legalizado entregando a documentação.

Raul Pinto não se deu por convencido e disse que a causa devia ser outra e não essa porque se os mesmos nunca se resolvessem a legalizá-la então a Caixa nunca mais funcionava, o que não estava certo, visto ele não ter culpa do desleixo dos outros.

O empregado diz-lhe que é e ainda muito novo para discutir o assunto. A estas palavras responde Raul Pinto que assim novo como diz, ainda era capaz de ensinar a ele e a mais alguns que lá estavam os direitos sindicais, visto que dentro do Sindicato há já ba-tantes anos.

Neste momento sai o Presidente do seu gabinete e diz-lhe: «Ou V. secula ou eu mando-o já prender».

Raul Pinto, entendendo que o Presidente não tinha razão para o fazer, diz-lhe que não tinha dada origem para isso. Porém, o Presidente como se julgasse ofendido na sua autoridade (crê-se o patrão do tanto) replicou: «mando e mando já».

O camarada não se intimidou e diz-lhe: «Você quem julga que é? Você se hoje está aqui, amanhã eu terei um ou outro qualquer, por isso não se enfade».

O Presidente vendo que não levava a melhor, retirou-se, mas não satisfeito, e resolveu apresentar queixa ao Instituto Nacional de Trabalho, alegando que o camarada de protestava contra o Estado corporativo, contra o Sindicato e que era um elemento perigoso.

Na mesma queixa figuravam os nomes do camarada Machado, por não concordar com a transferência da sede para uma casa mais pequena, não se poder dar uma assembleia geral nela e o aluguer ser muito maior, visto antes pagar-se 36500 e agora 120000 e que o custo devia ser reduzido numa assembleia geral. Foi o bastante.

O outro denunciado foi o camarada Matos, por se querer por maneira como o contrato de trabalho fora feito, visto haver um cláusula que diz que o trabalhador em balseiros ficará a ganhar 15000 por dia e trabalhando em tonéis 19000, o que não está certo porque o que trabalha em balseiros é mais especializado, manda mais força e gasta mais ferramenta e, além disso, está especializado nas duas modalidades de serviço e que se os PATRÕES QUISERAM O CONTRATO ASSIM E PORQUE OS BALSEIROS SE FAZEM SEMPRE e os tonéis muito raramente.

Então o Presidente diz-lhe: «Eu não nada sei, quem fez o contrato foi Adão e Eies».

O camarada Matos protestou dizendo que eles não deviam assinar sem o levar ao conhe-

cimento de uma assembleia geral. E por estas causas foram julgados e condenados pelo Instituto Nacional do Trabalho em 15 dias de suspensão dos seus serviços das oficinas onde trabalhavam.

Antes destes camaradas serem julgados, o Presidente do Sindicato, José Maria Rodrigues e o cartório Joaquim Tavares Adão tinham dito que os camaradas acusados seriam condenados em 60 dias de suspensão e como o não fossem, eles iam tirar-lhes a suspensão em 3 dias pois os camaradas, no fim de 2 semanas após a suspensão, apresentaram-se no trabalho e, deviam ser 9,5 horas, telefonaram do Sindicato dizendo que os mesmos não podiam trabalhar visto o castigo ser de 15 dias de trabalho e não de duas semanas.

E aí está o camaradas, ser preciso os tanceiros abrirem os olhos por quem têm a frente do Sindicato, uma direcção que está lá dentro para defender os interesses dos patrões e não os dos camaradas.

Quem são os bárbaros?

...os ataques feitos contra eles por forças do exército. Cercamos em MONTARIA de LOEWS. MAIS DE MIL sofreram esta dura pena por causa de se usarem mandos. E entre esse milhar, talvez uma CENTENA DE MULHERES, que houveram grandes culpas neste cartório sangrento, cairam varadas pelas balas dos «elotes de execução».

(José Augusto, «Diário de Notícias» de 14 de Agosto de 1936)

Assim procedem os defensores da «civilização cristã ocidental», assim actuam os defensores do «sacratório» do respeito pela vida humana!

Factos incontestáveis

Continuado da 4.ª página

antes, se havia enviado de Lisboa para a fronteira espanhola gazes estoxiantes e material de guerra proveniente de Itália.

Depois de um despacho de Tancerg, datado de 29 de Setembro, o barco Zarhion enraspado no porto desta cidade. Este barco devia partir no mesmo tempo que o Kair, para Mellá, transportando material de guerra encoberto no carvão como se escória,

Esta lista vem confirmar as indicações que o «Avante!» e os manifestos da F. Popular e do nosso Partido tinham dado sobre o criminoso fornecimento de material de guerra aos generais mauristas. Os factos que ela demonstra evidenciam a forma como os «defensores da civilização cristã» compreem os seus compromissos mais solenes.

Que os anti-fascistas não esperem do cumprimento dos tratados a libertação do povo espanhol e se lembrem de que só a sua acção decidida pode subtrair o nosso país à vergonhosa posição em que o colocaram os governantes fascistas.

TODOS EM AUXÍLIO DO PARTIDO!

No último número do «Avante!» publicámos um apelo a todos os trabalhadores para que auxiliassem financeiramente o nosso Partido.

Se bem que apenas um mês tenha passado, devemos reconhecer que os resultados não foram os melhores que se poderiam esperar.

Uma grande parte dos nossos camaradas e dos nossos órgãos estão habituados a simplesmente LEREM os artigos do «Avante!» e não a verem nalguns deles instruções, palavras de ordem, que é necessário materializar. O «Avante!» não é um jornal para os membros do P. terem como se lê qualquer jornal.

O «Avante!» é o órgão do P. e não só o meio de os trabalhadores levantarem a sua voz contra a exploração de que são vítimas, colaborando nele, com o também o meio de os organismos superiores do P. comunicarem com todos os membros do P. E o meio de levar ao conhecimento dos nosos militantes e de todos os trabalhadores a orientação política do P. a sua vida, as suas necessidades de toda a ordem. Daí a necessidade de cada militante do P. dar realização a tarefas políticas e de organização apresentadas no «Avante!», do mesmo modo como se essas tarefas lhe fossem apresentadas verbalmente.

Não podemos dizer que os resultados do nosso apelo foram nulos. Mas estamos convencidos de que muitíssimo mais se poderia conseguir. É uma questão de interesse, de boa vontade, de dedicação. A prova disso está em que a.g. as camaradas angariam quantias importantes, enquanto que a maior parte não arranja nada. Devemos salientar os seguintes casos, que são uns bons exemplos:

Um camarada de Lisboa, uma celula da Zona 5, rifou um objecto

de valor obtendo um lucro de 100000, que entrou ao P.

Um simpatizante (grupo Soz) arranjou desde a saída do anterior número 57000 e espera este mês arranjar perto de 100000.

Um camarada de um Comité Local garante o envio de 20000 mensais, embora até este momento não tivéssemos recebido essa importância.

Um outro camarada (Ur-ll), por intermédio de alguns simpatizantes, arranja 160000 de uma vez e 167000 de outra.

O C.R. de Lisboa e o C.Z. 5 de mesmo C.R. contribuíram respectivamente com 72000 e 50000.

O Arsenal delinhou a ficar com percentagem, «quanto hou» dificuldades no «Avante!». Identificando também tomou o C.R. de Li-bon que dirigiu um apelo aos C.Z. para lhe requeiram o exemplo.

Isto são exemplos que todos os camaradas e todos os simpatizantes devem esforçar-se por seguir.

É preciso abandonarmos a inacção e lançarmos-nos todos na tarefa de engrandecermos o nosso Partido. Este engrandecimento é a segurança da vitória na luta contra o fascismo, causador da miséria e preparador de uma nova guerra.

Todos, em auxílio do Partido!

Importâncias recebidas depois da publicação do número anterior do «Avante!»:

Um camarada da zona 6	100000
Com. Reg. de Li-bon	72000
Comité de zona	50000
Grupo S. z	72000
Henrique Cruz	10000
Marçalo	5000
J. S.	2500
Art.	10000
Dal.	5000
Total Esc.	312000

UM QUE SE DESMASCARA

ALMADA—Quando, há dias, cinco rapazes de Casilhas estavam a beber café, cerca da meia noite, no estabelecimento de Francisco de Carvalho, apareceram-lhes o pai de Carvalho, apareceu-lhes o pai de António Canhoto que os provocou a beber, certamente, para assim arranjar conversas e exercer a sua profissão de Agente de Informação. Os rapazes não acedem às suas propostas de beber e foram ameaçados com um banco e em seguida presos, sob a acusação de «s. p. an-rem o ataque ao Forte para essa noite (lll)».

Tão ridícula acusação caiu pela base e os presos foram soltos.

Há, porém, que TIRAR A LIÇÃO. O provedor ANTONIO GANHOTO é dono de uma PADARIA na Piedade e tem um estabelecimento no mercado de Almada.

QUE NENHUM TRABALHADOR DIGNO COMPRE, seja o que for, nas lojas de ANTONIO GANHOTO. Que todos os trabalhadores conscientes incitem os anti-fascistas da terra a imitar o exemplo!

Que as mulheres que não querem ver os seus filhos e maridos presos e arruinados pelo fascismo, sejam inflexíveis nesta decisão.

Uma infamia!

TORRES VEDRAS—Na fábrica de caldeireiro de Francisco António Silva deu-se há pouco um caso que mostra bem o que é a ganância e exploração do patronato.

Há mais de vinte anos que trabalhava nesta oficina um trabalhador que hoje está já velho e cansado, porque enquanto teve forças deu tudo o que podia dar. Foi com o esforço dele e doutros que lá trabalhavam que o patrão fez a grande riqueza que hoje tem.

Pois como o homem estava velho e já não aravava de bom modo as poucas vergonhas dos filhos do patrão que são iguais ou piores, um belo dia despediram o nosso camarada porque ele já não podia muito.

Foi tão grande a pouca vergonha e o patrão teve tanta consciência do que fazia que lhe meteu 500000 na mão como se essa quantia fosse uma reforma.

E por isso que nos devemos unir todos em volta das nossas organizações ilegais que são as que verdadeiramente defendem os nossos interesses contra a exploração do capitalismo opressor.

Todos unidos contra o capitalismo!

Lucemos dentro do P. e da CJS

Dezanove anos de lutas vitoriosas na construção do socialismo!

(Continuação da 1.ª página)

nem motivo justo para combater. Guerra que era a debandada dum e o avanço implacável de outros sobre os pontos vitais da Rússia. Paz. O Governo soviético prometera a Paz. O grande Lénine daria a paz. Hesitações, teorias absurdas no Partido e nos soviets. Só a falange bolchevique e a massa, a grande massa, sabiam o caminho. Os outros, os intelectuais divorciados da realidade, ou os arrivistas destrambelhados, inventavam teorias hipotéticas, absurdas e a guerra continuava, o território soviético desaparecia dia a dia.

Lénine prometera a Paz — daria a Paz. Mas só o prestígio do grande revolucionário, o temor das responsabilidades que teriam só em gerir a revolução, forçou os hesitantes e os líricos a votar a Paz.

Stáline, o grande dirigente do Partido Comunista da União Soviética estava com Sverdlov incondicionalmente ao lado de Lénine, e a defesa da linha bolchevique do Partido. E a Paz fez-se.

Guerra Civil. Sobre 4 anos de guerra, três anos de guerra civil e intervenção estrangeira. 14 exércitos a atacarem a Rússia.

Em 1923 a Rússia é um montão de ruínas em que o tifo e a fome acabam a obra de destruição. É preciso construir o socialismo, mas construir lo sobre o que existe e não sobre devaneios. Inicia-se a Nova Política Económica, fazem-se concessões à burguesia para que se possa reconstruir rapidamente a vida soviética.

1937 — A economia está ao nível de 1913. Está reconstruída. É preciso começar a construção socialista.

Plano quinquenal — A burguesia mundial, todos os discentes na vitória do proletariado, sorriem ou calamun.

O Plano é cumprido em 4 anos. A URSS entra na lista das grandes potências.

Começa a preparar-se a guerra capitalista contra a União Soviética. A situação do proletariado russo melhora sensivelmente apesar dos sacrifícios exigidos pelo Plano. Desaparece o desemprego.

Segundo Plano Quinquenal. Tem por objectivo acabar definitivamente com as classes e proporcionar aos trabalhadores soviéticos um nível de vida único no mundo.

Dará um potencial tal à organização soviética que a torne a maior potência industrial e agrícola do mundo e lhe permita defender-se de todos os ataques.

Sob a direcção do Partido Bolchevique e de Stáline, a União Soviética vai entrar na sociedade sem classes.

Redige-se a Constituição que regista todas as vitórias da Sociedade Socialista.

Outubro de 1936 — Os fascistas alemão e italiano preparam a guerra contra a União Soviética, a França e a Espanha da Frente Popular. As armadas da guerra sucedem-se. O fascismo que tem em si a destruição não pode viver sem guerra.

O fascismo pensa que a audácia inconsciente dos criminosos lhe aproveitará. Tenta desagregar o Pacto franco-soviético; não o consegue. Não lhe consentirão os operários e camponeses franceses, não lhe consentirão o grande Partido Comunista Francês, nem o governo de Blum.

A Alemanha e a Itália fascistas querem destruir, querem conquistar a União Soviética. Esquecem que a União Soviética é um bloco de 180 milhões de habitantes. Esquecem que o Exército Vermelho de Operários e Camponeses está de guarda às fronteiras da URSS e que sabará defendê-la convenientemente. Esquecem que o proletariado mundial está com o proletariado soviético em defesa das conquistas da Revolução de Novembro de 1917. Esquecem que Stáline e Vorochilov que levaram os exércitos à vitória durante a intervenção, vivem ainda para bem de toda a Humanidade.

Pingem ignorar as palavras de Stáline: "Não queremos uma polegada do território alheio mas não cederemos um centímetro do nosso".

O fascismo não pode saber isto porque seria condenar-se à morte reconhecê-lo.

Não, porém, temas da reconhecê-lo. Temos de avaliar bem as responsabilidades que sobre nós pesam, no caso de uma guerra. Por isso, desde já o Partido e todos os anti-fascistas têm como dever a preparação para o caso de uma guerra.

Uma só direcção: Organização. Uma só finalidade: Derrubar o fascismo.

É necessário que nós saibamos ser dignos dos 19 anos de lutas pelo socialismo, travadas pelos trabalhadores soviéticos dirigidos pelo P.C. da URSS.

Saibamos ser dignos do pensamento imortal de Vladimir Ilitch Ulianov, o grande Lénine, guia da Humanidade para a sua libertação.

Saibamos seguir as lições do grande Stáline.

Atendamos os grandes conselhos de Dimitrov, o dirigente da Internacional Comunista.

Assim, seremos dignos dos 19 anos da Revolução Russa, seremos dignos da luta heróica dos nossos camaradas espanhóis. Do contrário morreremos no opróbrio e na lama da maior degradação.

Viva o 10.º aniversário da Revolução de Outubro!

Centenas de anti-fascistas são deportados para as mais terríveis regiões coloniais!

Uma onda de sadismo governamental varre o país. Enchem-se as prisões com pessoas cujos delitos são o facto simples de falar sobre as notícias de Espanha ou manifestar a sua simpatia pela causa do governo constituinte em 11 de Maio de 1936.

Fazem-se as prisões mais arbitrárias. Quanto possa representar um pequeno aspecto de tentativa cultural ou de dignidade cívica é completamente atabalado. As aulas de esperança, em que os trabalhadores podiam aprender a única língua que os seus recursos permitem — acabam de ser fechados sob pretexto de internacionalismo! Centenas de presos da província vêm para Lisboa, nas piores condições. Operários, camponeses, intelectuais, empregados, republicanos, comunistas, anarquistas, sem partido, todos sem distinção são apalhados na rede criminosa da repressão.

Lisboa torna-se o ponto de concentração dos anti-fascistas presos. Melhor: o seu caos de embarque.

Com 85 em Lisboa, Salazar não estaria ranquilo. E porque não dormiria socegado, vá de mandá-los para bem longe, onde se unissem e não atormentassem como um pesado e o pensamento covarde e carrasco dos ditadores.

Por isso se juntaram em Lisboa presos antigos e modernos. Por isso foram deportados para não se sabe onde, os anti-fascistas portugueses. Fala-se em Cabo Verde (no terror de Tarrafal), na doctina Guiné, em Timor, longínquo, horrível túmulo dos condenados de outrora. Para lá foram os nossos camaradas, para lá mandaram todos os anti-fascistas que a repressão mais estúpida e cruel arrebanhou à pres-

sa, numa fúria de EXEMPLO que si ridícula se não fosse trágica.

Enluoquencidos pela situação espanhola, cede-dores de que não têm consigo a opinião do país, conscientes de que o seu poder e a sua estabilidade se devem à espionagem, à polícia e a grande parte dos quadros do exército e alt-fascismo — e sobretudo a deslealdade em que têm estado até aqui as forças anti-fascistas — os governantes sabem que o seu poder é fictício, a sua solidez nula. Tal como a PROSPERIDADE económica e financeira do país que se manifesta na maior miséria, a firmeza da ditadura, a SOLIDEZ do "apoio do país", que não existe, só se revela na repressão e nada mais.

Nós, anti-fascistas, somos a maioria. Temos e usamos tudo o que representa trabalho e pensamento. PODEMOS DERRUBAR A DITADURA. Podemos e devemos libertar os presos deportados, condenados à morte lenta nas masmorras coloniais.

SOMOS OS MAIS PODEROSOS, SE SOUBERMOS ORGANIZAR AS NOSSAS FORÇAS. A FORÇA DO INIMIGO É A SUA ORGANIZAÇÃO, a máquina terrível da repressão — NADA MAIS. Unamos-nos todos os anti-fascistas em torno da Frente Popular. SAIBA ESTA RESPONDER EM DIRECÇÃO ORGANIZATIVA à vontade de libertação e luta das massas — e Portugal será livre e todos os presos escarapão à morte. E por todo o país se entrará numa fase de actividade em que a liberdade e a cultura sejam uma realidade e em que a guerra deixe de ser uma espantosa maldição.

Um ano sem Bento Gonçalves nem José de Sousa

576 anos de degrêdo!

Em 11 de Novembro de 1935, sofria o Partido um grande golpe. Os seus dirigentes Bento Gonçalves e José de Sousa e o dedicadíssimo militante Júlio Fogaça eram presos. Um grande desânimo invadiu parte do nosso Partido. Esboçam-se tendências liquidadoras: sem Bento nem José de Sousa como era possível lutar? Felizmente, os camaradas que, então, tomaram conta da direcção do Partido souberam actuar rapidamente, evitando o pânico, dando ao Partido a confiança em si, capazes de resistir aos maiores golpes. Fizeram nos e fazem muita falta Bento Gonçalves e José de Sousa.

Os concelhos do Bento, a sua firmeza bolchevique, a sua cultura marxista, a sua dedicação inabalável à causa do proletariado — faltam nos.

Estamos privados da visão clara, do senso prático e conhecimento profundo da vida proletária sindical de José de Sousa; faltam nos a sua vontade de ferro no serviço da nossa grande Causa.

Fodavia, não deixaremos, o melhor que soubermos, de lutar pela queda do fascismo e da Paz pela Paz pela Paz — para todos os anti-fascistas presos entre os quais se contam os nossos queri-

Foi esta a totalidade da pena que os juizes (?) impuseram aos marinheiros do "Afonso de Albuquerque" e "Dão", que se revoltaram em 8 de Setembro. Aterrorizados pela vontade revolucionária dos marinheiros portugueses, vendo que a miséria que pesa sobre o povo português aumenta dia a dia a sua revolucionarização, os ditadores e seus locais buscam nas prisões e nos degredos o alívio que dá ao fascismo a longa vida. Incapazes de resolver os problemas nacionais senão nos papéis e nos discursos dos comícios e da S.F., os carrascos do povo português, os contrabandistas do Terror só têm o terror como solução única para prolongar a sua miserável existência. Prendem, torturam, deportam — Isso que lhes importa?

No dia, porém, em que todos os anti-fascistas estejam unidos, disciplinados e organizadamente unidos na sua Frente Popular — a ditadura cairá e como carrascos do seu povo, inimigos da sua nação, entrarão na história como uma maldição os governantes da Tradição Nacional.

dos Bento e José de Sousa com tantos camaradas do Partido caídos nas garras policiais.